

“MEU NOME É NINGUÉM”¹

Maria Lia Avelar da Fonte²

Desde o início, encontramos James Joyce, na vida e na obra, envolvido em enigmas e labirintos que afetam o seu nome. Nome de um pai carente, insuficiente para dar sustentação aos braços da paternidade. John Joyce não preenche as condições com as quais um pai tem direito ao respeito — ter como causa uma mulher e a incumbência dos cuidados paternos.

Resta ao futuro artista fazer-se um nome, deter o gozo encravado no corpo e escapar da angústia e da experiência de aniquilamento que daí advém. Joyce serve-se da literatura e, em sua escrita, ataca e destrói palavras, fragmenta-as, desintegra-as em seu elemento mais radical, ultrapassa o limite do ininteligível, provoca a perda da identidade fonatória. Injeta equívocos, trocadilhos, neologismos. Coisifica as palavras, realiza o simbólico.

Inspirando-se na mitologia, encontra, no Ulisses de Homero, as armas com as quais se lança na aventura das letras. Em seu exílio voluntário, percorre, à distância, as trilhas dublinenses, como se delas nunca houvesse se afastado. Transita na atemporalidade, mergulha em infernos profundos, encontra saídas na arte para fugir de labirintos, com a mesma astúcia de Ulisses, que sabe fazer uso do nome — engana e escapa de Polifemo, ao dizer: “Meu nome é Ninguém”.

“Ninguém” denota alguém de pouco valor, merecimento ou importância, ou nenhuma pessoa. Um nome que, por faltar, é suposto e indeterminado e, por isso mesmo, tanto interessa a psicanálise. “Ninguém” evoca o nome de Deus: “Eu sou aquele que sou”. Na tradução hebraica — YHWH —, é um nome impronunciável,

¹ Trabalho apresentado no Joyce-Lacan Symposium; the Joy(ce) of Language. Realizado em The Irish College of Psychiatrists – Coláise Síciatraithe na hÉireann. Dublin, 17 de Junho de 2005. publicado no livro Joyce-Lacan: O Sinthoma / Intersecção Psicanalítica do Brasil - Recife: CEPE, 2007. Jacques Laberge (Org.).

² Médica, psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: liadafonte@gmail.com

localizado no campo do impossível, de onde se ergue um Deus que nunca revela o seu rosto.

Em *Retrato do Artista Quando Jovem*, Stephen aproxima seu nome ao de Deus, quando escreve no caderno: “Stephen Dedalus / Série de Elementos / Clongowes Wood College / Sallins / Condado de Kildare / Irlanda / Europa / O Mundo / O Universo”.³ Stephen quer saber o que há depois do universo, onde ele para, o que o delimita. “Era uma coisa muito grande para poder pensar em todas aquelas coisas e em todos os lugares. Só Deus podia fazer isso.”⁴ Somente Ele, situado entre o universo e o nada, seria capaz de um pensamento além do pensamento, além do limite entre o todo e o nada.

Stephen sabia que havia muitos nomes para Deus, em várias línguas diferentes no mundo, mas estava certo de que Ele continuaria a ser sempre o mesmo e o seu verdadeiro nome era Deus, assim como o dele era Stephen.

Jacques Derrida destaca duas palavras em *Finnegans Wake* — **he war** — e traduz, no inglês, por **ele guerra** e, no alemão, **ele foi**. “Ele foi aquele que foi. Eu sou aquele que é, que sou, eu sou quem eu sou”,⁵ teria dito Yahweh. Lá onde era, ele foi, declarando guerra. **He war**, Deus declara guerra aos que pretendiam construir a Torre de Babel para fazer-se um nome; desconstrói a torre e gera a confusão das línguas, impondo sua língua como língua universal. Seu nome assina o ato de guerra.

Joyce, o deus da literatura, declara guerra às línguas, proíbe que toquem em seu nome, inviabiliza a tradução.

A referência vazia e inacessível do nome atravessa a obra joyceana. E mesmo o minucioso detalhamento de vidas e pensamentos dos personagens não evita pontos obscuros e incompreensíveis na obra. De Leopold Bloom, não temos sequer a imagem de seus traços fisionômicos. Joyce o deixa vago, certamente para sugerir que o rosto de seu herói é o rosto de todos os homens, de qualquer um ou de ninguém, numa associação a Ulisses ou mesmo ao próprio Deus.

Se, no início da obra, Joyce indaga o que é um nome, em *Ulisses* ele nos dá uma resposta, embora enigmática, remetendo-nos, como sempre faz, a outros enigmas. Lá, encontramos um personagem, citado inúmeras vezes ao longo do livro — seu nome, porém, nunca é mencionado. Ele surge pela primeira vez, súbita e inesperadamente, no

³ JOYCE, James. *Retrato do Artista Quando Jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 19.

⁴ Ibid, p. 19-20

⁵ DERRIDA, J. Duas palavras por Joyce. In: NESTROVISKI, Arthur (org.). *Riverrun – Ensaio sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 18.

enterro de Paddy Dignam, vestindo um impermeável castanho. A repentina aparição inquieta Bloom e fá-lo reportar-se ao estranho, várias vezes durante o dia: “Quem seria o Homem do Impermeável Castanho? Quem é aquele esgalgado com o impermeável? Daria qualquer coisa para saber quem é. Sempre aparece alguém com quem nem se sonha!”.⁶ Enquanto conta os presentes no enterro, ele pensa: “Eu sou o décimo terceiro. Não. O tipo do impermeável é o décimo terceiro. O número da morte. De onde diabos saiu ele? Não estava na capela, isso eu juro. Estúpida superstição sobre o número treze”.⁷

A partir de um mal-entendido, passam a chamá-lo de *Macintosh*, que quer dizer *impermeável*. Ele transita a passos largos pelas ruas de Dublin, surge nos comentários dos frequentadores do bar de Kiernan, ocupa o pensamento de Bloom durante a queima de fogos de artifício e toma sopa Bovril no bar que fica entre a maternidade e a casa de má nota. Na cena do bordel, um excesso grotesco de pensamentos fragmentados invade a mente de Bloom, o homem misterioso acusa-o de incendiário. Revela que Bloom é, na realidade, Leopold M’Intosh, cujo verdadeiro nome é Higgins, alusão ao nome de solteira da mãe. No mesmo pesadelo, vê o avô envolto em vários sobretudos, entre eles, um impermeável castanho, emprestado pelo estranho personagem.

Macintosh é citado pela última vez no livro, num capítulo composto de perguntas e respostas: “Que enigma auto-implicado não compreendeu Bloom ao levantar-se, sair e reunir vestuários multicolores, multiformes, multidinosos, percebendo-se voluntariamente? Quem era M’Intosh?”.⁸ Seria a vida, a morte, o amor?

Wladimir Nabokov propõe uma explicação: diz que a chave do enigma encontra-se no capítulo nove — *Cila e Caribde*, cujo cenário é a Biblioteca Nacional de Dublin, e Stephen fala de Shakespeare. Afirma que o dramaturgo inglês inclui a si próprio em sua obra: “Escondeu o seu próprio nome, um nome formoso, William, nas peças; um figurante aqui, um bufão ali, como um pintor na velha Itália escondia o rosto num canto escuro de sua tela”.⁹ Nabokov acredita que foi isso o que fez James Joyce — colocou-se no canto escuro da tela, na figura do Homem do Impermeável Castanho.

O interesse de Joyce por Shakespeare ultrapassa a magnitude da obra com a qual o poeta se inscreve no espaço literário e recai sobre o nome, a vida e a obra do bardo de Stratford.

⁶ JOYCE, James. *Ulisses*. Lisboa: Livros do Brasil, 1984. p. 141.

⁷ *Ibid.*, p. 142.

⁸ *Ibid.*, p. 787.

⁹ *Ibid.*, p. 245.

Ao elaborar uma teoria envolvendo um intrincado labirinto de nomes e de equívocos, Stephen condensa, num único nome, o nome de todos os possíveis escritores fantasmas do escritor: Rutlandbaconsouthamptonshakespeare.

O que é um nome? O que há em um nome?

Essa é a pergunta que nos fazemos diante de “um nome que ensinaram ser o nosso”, a ser reconhecido ou não por seu portador.

O nome antecede e ultrapassa o sujeito, revela e, ao mesmo tempo, oculta um sentido relacionado ao desejo daquele que o nominou. Não significa nada, apenas indica, sutura a hiância constitutiva do sujeito e produz o apagamento do vazio que lhe é fundamental.

Encerra um destino e traz a marca de uma herança simbólica, sempre insuficiente para designar o sujeito.

O limite imposto pela nomação significativa faz Lacan elaborar a noção de nome próprio, articulado ao conceito de gozo: algo de real se enlaça ao simbólico do nome.

Ulisses e Retrato do Artista mostram o quanto o nome próprio afeta o jovem Stephen. A experiência mais radical ocorre durante a viagem a Cork, quando acompanha o pai no leilão de mais uma propriedade da família. Inteiramente dominado pelo efeito que os gestos, as falas e as observações do pai exercem sobre ele, e, para não sucumbir à experiência de dissolução que o assola, Stephen recorre a nomes: “Eu sou Stephen Dedalus. Estou caminhando ao lado de meu pai, cujo nome é Simon Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Nosso quarto é no hotel Vitória. Vitória e Stephen e Simon. Simon e Stephen e Vitória. Nomes”.¹⁰

A resolução vem ao final do livro, em meio às vozes dos amigos que brincam, quando escuta o chamado da vida: “Uma voz, detrás do mundo, estava chamando. — Alô, Stephanos! — Aí vem O Dedalus! Chega pra cá, Dedalus! Bous Sthephanoúmenos! Bous Stephaneforos!”.¹¹

Escutar seu nome mesclado ao grego — Stephanos — e as expressões *Stephanoúmenos* (alma de boi de Stephen) e *Stephaneforos* (boi portador da guirlanda

¹⁰ JOYCE, James. *Retrato do Artista...* op. cit., p. 105.

¹¹ *Ibid.*, p. 188.

para o sacrifício) faz ressoar o Dedalus da mitologia grega, o fabuloso artífice construtor de asas e labirintos, o exilado de Athenas criador de estátuas realmente vivas.

Stephen Dedalus expressa a marca de uma profecia, marca do destino de artista e a possibilidade de tornar-se escritor.

Agora, ante o nome do artífice fabuloso, lhe parecia ouvir o ruído de sombrias vagas e ver uma forma alada voando por sobre as ondas e vagorosamente escalando o ar (...) O seu coração tremia num êxtase de medo e a sua alma estava num voo. A sua alma estava se alando ar acima para lá do mundo, e o corpo, sabia ele, estava purificado por um sopro, libertado da incerteza e se tornara radiante, diluído no elemento mesmo do espírito. (...) Ele iria criar magnificamente, com a liberdade e a força da sua alma, como o grande artífice cujo nome usava, uma coisa viva, nova, alada e bela, impalpável e imperecível.¹²

Joyce se aceita nominado pela própria criação literária, constrói uma obra e vê-se determinado por ela. O novo ser por ele forjado plana “impalpável e imperecível” e se reconhece vivo. Joyce escuta o chamado do além-mundo e, como homem falcão, alça voo em direção ao Sol.

“Artífice fabuloso, o homem parecido com o falcão. Tu voaste, para onde? Newhaven-Dieppe, passageiro de terceira classe. Paris ida e volta. Galispo. *Icarus*. *Pater ait*. Molhado pelo mar; caído à deriva. És um galispo. Ser galispo.”¹³

Joyce já não porta o mesmo nome. Traz agora um nome de gozo — James Joyce, autor de *Ulisses* e *Finnegans Wake*.

Nomes. Nenhum nome. Múltiplos nomes. Ninguém!

¹² Ibid., p. 189-190.

¹³ JOYCE, James. *Ulisses...* op. cit., p. 246.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DERRIDA, J. Duas palavras por Joyce. In: NESTROVISKI, Arthur (org.). *Riverrun – Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 18.
- JOYCE, James. *Retrato do Artista Quando Jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Ulisses*. Lisboa: Livros do Brasil, 1984.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXIII: Le sinthome. Inédito. 1975-6*.
- _____. *Le Séminaire, livre IX: L'identification, seminário inédito, 1961-2*.
- LAIA, Sérgio. *Os Escritos Fora de Si. Joyce, Lacan e a Loucura*. Belo Horizonte: Autêntica/Fumec, 2001.
- MANDIL, Ram. *Os Efeitos da Letra. Lacan Leitor de Joyce*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- NABOKOV, Vladimir. *Aulas de Literatura*. Lisboa: Relógio D'água, [s/d].
- NESTROVISKI, Arthur (org.). *Riverrun – Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SOLER, Colette. *A Psicanálise na Civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- VIZIOLI, Paulo. *James Joyce e sua Obra Literária*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1991.

Recife, 11 de junho de 2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.